



PERDÃO MORTAL

ROBIN LA FEVERS

TRADUÇÃO EDMUNDO BARREIROS





EDIÇÃO: Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE: Raquel Nakasone

PREPARAÇÃO: Isadora Prospero

REVISÃO: Leonardo Ortiz e Luciane Helena Gomide

CAPA: © 2012 Richard Jenkins

DIAGRAMAÇÃO: Ana Solt

TÍTULO ORIGINAL: *Grave Mercy*

© 2012 by Robin LaFevers. Publicado com a autorização da Rights People, Londres.

© 2014 Vergara & Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-913-2

1ª edição, 2015

Impressão e acabamento: Intergraf

Impresso no Brasil • Printed Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

LaFevers, Robin
Perdão mortal / Robin LaFevers ; tradução Edmundo Barreiros. -- São Paulo :
Vergara & Riba Editoras, 2015. -- (O clã das freiras assassinas)
Título original: *Grave mercy*.
ISBN 978-85-7683-913-2
1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.
15-06206

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

DRAMATIS PERSONAE

ISMAE RIENNE

O PAI DE ISMAE

GUILLO, o criador de porcos

A CURANDEIRA

No convento

ETIENNE DE FROISSARD, a abadessa

IRMÃ THOMINE, instrutora de artes marciais

ANNITH, uma noviça

IRMÃ SERAFINA, mestra dos venenos e curandeira do convento

SYBELLA, uma noviça

IRMÃ WIDONA, mestra dos estábulos

IRMÃ BEATRIZ, instrutora em artes femininas

IRMÃ EONETTE, historiadora e arquivista do convento

IRMÃ ARNETTE, mestra das armas

IRMÃ CLAUDE, irmã encarregada do aviário

IRMÃ VEREDA, a anciã vidente

JEAN RUNNION, traidor da Bretanha e primeira morte de Ismae

MARTEL, espião francês e segunda morte de Ismae

O conselho privado

VISCONDE MAURICE CRUNARD, chanceler da Bretanha

MADAME FRANÇOISE DINAN, governanta da duquesa

MARECHAL JEAN RIEUX, marechal da Bretanha e tutor da duquesa

CAPITÃO DUNOIS, capitão do exército bretão

A corte e a nobreza bretás

ANNE, DUQUESA DA BRETANHA, condessa de Nantes, Monfort e Richmond

ISABEAU, irmã mais nova de Anne

DUQUE FRANCISCO II (falecido)

BARÃO LOMBART, um nobre bretão

GAVRIEL DUVAL, um nobre bretão
BENEVIC DE WAROCH, Fera de Waroch e cavaleiro do reino
RAOUL DE LORNAY, um cavaleiro do reino
BARÃO GEFFOY, um nobre bretão
LADY KATERINE GEFFOY, sua esposa
MADAME ANTOINETTE HIVERN, amante do falecido duque Francisco II
FRANÇOIS AVAUGOUR, um cavaleiro do reino
ALAIN D'ALBRET, um nobre bretão com grandes domínios na França
e um dos pretendentes de Anne, duquesa da Bretanha
CHARLES VIII, rei da França
ANNE DE BEAUJEU, regente da França
NORBERT GISORS, embaixador da regente francesa
FEDRIC, DUQUE DE NEMOURS, um dos pretendentes de Anne,
duquesa da Bretanha
MAXIMILIANO DA ÁUSTRIA, o Sacro Imperador Romano,
um dos pretendentes de Anne

Capítulo Um

BRETANHA, 1485

EU TINHA UMA GRANDE MANCHA vermelha que ia do ombro esquerdo até o quadril direito, uma trilha deixada pelo veneno que minha mãe usou para tentar me expelir de seu útero. Segundo a curandeira, não foi milagre eu ter sobrevivido, mas um sinal de que tinha sido gerada pelo próprio Deus da Morte.

Disseram-me que meu pai teve um acesso de fúria e chegou a agredir minha mãe enquanto ela ainda estava fraca e sangrando no leito em que nasci. Até que a curandeira disse que, se minha mãe tivesse se deitado com o Deus da Morte, com certeza Ele não ficaria parado sem fazer nada enquanto meu pai batia nela.

Arrisquei olhar para meu futuro marido, Guillo, e me perguntei se meu pai tinha lhe contado sobre minha linhagem. Imaginei que não, pois quem pagaria três moedas de prata pelo que eu era? Além disso, Guillo parecia plácido demais para conhecer minha natureza verdadeira. Se meu pai o enganou, isso não era um bom augúrio para nossa união. O fato de nos casarmos na cabana de Guillo e não em uma igreja me deixava ainda mais desconfortável.

Senti sobre mim o peso do olhar de meu pai e virei-me para ele. O triunfo em seus olhos me assustou, pois, se ele havia triunfado, então eu sem dúvida tinha perdido, de algum modo que ainda não entendia. Mesmo assim, sorri, tentando convencê-lo de que estava feliz, pois nada o aborrecia tanto quanto minha felicidade.

Mas se eu conseguia mentir para meu pai com facilidade, era mais difícil mentir para mim mesma. Tinha medo, muito medo daquele ho-

mem a quem passaria a pertencer. Olhei para suas mãos grandes e largas. Assim como meu pai, ele tinha terra seca sob as unhas e sujeira nas dobras da pele. Será que as semelhanças terminavam ali? Ou ele também usaria aquelas mãos como porrete?

É um novo começo, lembrei a mim mesma, e, apesar de todos os meus medos, não consegui apagar uma pequena centelha de esperança. Guillo me desejava o suficiente para pagar três moedas de prata. Eu acreditava que, onde havia desejo, devia haver espaço para bondade. Talvez. Era a única coisa que impedia meus joelhos de baterem e minhas mãos de tremerem. Isso e o padre que foi realizar a cerimônia, pois, apesar de não passar de um padre itinerante, o olhar furtivo que me lançou por cima de seu livro de orações me fez acreditar que sabia o que e quem eu era.

Ele murmurou as palavras finais da cerimônia. Olhei fixamente para o rosário de cânhamo com nove contas de couro que demonstravam que ele era um seguidor dos modos antigos. Mesmo enquanto envolvia o rosário em torno de nossas mãos e dava as bênçãos de Deus e dos nove santos antigos sobre nossa união, eu mantive os olhos baixos, com medo de ver a presunção no olhar de meu pai ou o que o rosto de meu marido pudesse revelar.

Quando terminou, o padre foi embora, seus pés sujos em sandálias de couro cru batendo ruidosamente contra o chão. Ele não ficou nem tempo suficiente para beber uma caneca à nossa união. Nem meu pai. E, antes que a poeira levantada pela partida de sua carroça tivesse assentado, meu novo marido me deu um tapa no traseiro e grunhiu na direção do quarto no andar de cima.

Apertei os punhos para ocultar um tremor e me dirigi à escada, que não aparentava firmeza. Enquanto Guillo se fortificava com uma última caneca de cerveja, subi para o quarto e para a cama que agora dividiria com ele. Sentia muita falta de minha mãe. Apesar de ter medo de mim, ela sem dúvida teria me dado um conselho de mulher em minha noite de núpcias. Mas tanto ela como minha irmã tinham fugido há muito tempo, uma caindo de volta nos braços da morte, a outra caindo nos braços de um ferreiro ambulante.

Eu sabia, é claro, o que acontecia entre um homem e uma mulher. Nossa cabana era pequena, e meu pai, barulhento. Houve muitas noi-

tes em que movimentos urgentes acompanhados de gemidos encheram nossa tenda escura. No dia seguinte, meu pai sempre parecia menos mal-humorado, e minha mãe, mais ainda. Tentei me convencer de que, por mais desagradável que fosse o leito nupcial, com certeza não podia ser pior que o temperamento cruel e os punhos fortes de meu pai.

O quarto era um lugar fechado e embolorado, que cheirava como se os postigos grosseiros na parede dos fundos nunca tivessem sido abertos. Havia um colchão de palha sobre uma cama de madeira e corda. Fora isso, apenas alguns ganchos para pendurar roupas e um baú simples ao pé da cama.

Sentei na beira do baú e esperei. Não demorou muito. Um rangido pesado da escada me avisou que Guillo estava a caminho. Minha boca secou e meu estômago azedou. Fiquei de pé para não lhe dar a vantagem da altura.

Quando ele chegou ao quarto, finalmente me obriguei a olhar para seu rosto. Seus olhos suínos se estreitaram enquanto examinavam meu corpo, indo do topo da minha cabeça a meus tornozelos, depois de volta até meus seios. A insistência de meu pai em apertar bem os laços do vestido funcionou, pois Guillo quase não conseguia olhar para mais nada. Ele gesticulou com a caneca na direção do meu corpete, espirrando cerveja para os lados, derramando-a no chão.

– Tire. – O desejo deixava sua voz rouca.

Olhei fixamente para a parede atrás dele. Meus dedos tremiam quando os levei até os laços. Mas não rápido o suficiente. Nunca rápido o suficiente. Ele deu três passos gigantes em minha direção e me bateu forte no rosto.

– Agora! – gritou, enquanto minha cabeça era jogada para trás.

Senti bile em minha garganta e tive medo de passar mal. Então seria daquele jeito entre nós. Por isso ele tinha se disposto a pagar três moedas.

Finalmente desamarrei o vestido, tirei o corpete e fiquei parada na frente dele só de saia e combinação. O ar rançoso, que momentos antes era quente, agora parecia gelado contra minha pele.

– A saia – ele latiu, arfando.

Abri os laços e saí de dentro da saia. Quando virei para botá-la sobre o baú, Guillo me agarrou. Ele era surpreendentemente rápido para

alguém tão grande e estúpido, mas fui mais rápida, pois tinha anos de prática em fugir dos acessos de cólera de meu pai.

Desviei e escapei de suas mãos, deixando-o furioso. Na verdade, não pensei para onde poderia fugir, desejava apenas adiar um pouco mais o inevitável.

A caneca meio vazia acertou a parede atrás de mim com um estrondo e fez chover cerveja dentro do quarto. Ele gritou e se lançou em minha direção, mas algo dentro de mim não ia – não *podia* – facilitar aquilo para ele. Saltei e saí de seu alcance.

Mas não era longe o bastante. Senti um puxão, depois ouvi o som de tecido rasgando quando ele dilacerou minha *chemise* fina e puída.

O silêncio encheu o quarto, um silêncio de surpresa tão denso que até a respiração arfante dele parou. Senti seus olhos esquadriharem minhas costas, absorverem as cicatrizes e marcas vermelhas deixadas pelo veneno. Olhei para trás e vi que seu rosto ficou branco como queijo fresco. Os olhos estavam arregalados. Quando nossos olhares se cruzaram, ele soube – *soube* – que tinha sido enganado. Ele gritou, uma nota longa e profunda de ira que continha partes iguais de fúria e medo.

Então sua mão bruta acertou meu crânio e me fez cair de joelhos. A dor da esperança perdida era pior que seus punhos e botas.

Quando a raiva de Guillo passou, ele se abaixou e me agarrou pelo cabelo.

– Vou achar um padre de verdade desta vez. Ele vai queimar ou afogar você. Talvez os dois. – Ele me arrastou escada abaixo. Meus joelhos doeram ao bater em cada degrau. Ele continuou a me arrastar pela cozinha, depois me enfiou em uma pequena despensa subterrânea e a trancou.

Ferida e possivelmente quebrada, deitei no chão com o rosto machucado encostado contra a terra fria. Foi impossível conter um sorriso.

Consegui evitar o destino que meu pai planejara para mim. Sem dúvida era eu quem tinha vencido, não ele.



O som da tranca se abrindo me despertou. Sentei rapidamente e puxei sobre mim os restos rasgados de minha combinação. Quando a porta abriu, me surpreendi ao ver o padre itinerante, o mesmo homem inexpressivo que abençoara nosso casamento havia apenas algumas horas. Guillo não estava com ele, e qualquer momento que não contivesse meu pai nem Guillo era um momento feliz.

O padre olhou para trás, depois gesticulou para que eu o seguisse.

Fiquei de pé e a despensa girou. Eu me apoiei na parede e esperei que a sensação passasse. O padre gesticulou outra vez, com mais urgência.

– Não temos muito tempo antes que ele volte.

Suas palavras acalmaram minha mente como nada mais conseguiria. Se ele estava agindo sem o conhecimento de Guillo, então com toda a certeza estava me ajudando.

– Estou indo. – Eu me afastei da parede, passei cuidadosamente por cima de uma saca de cebolas e segui o padre pela cozinha. Estava escuro. A única luz vinha das brasas acumuladas na lareira. Eu devia ter me perguntado como o padre tinha me achado, por que ele estava me ajudando, mas não me importei. Só conseguia pensar que ele não era Guillo nem meu pai. O resto não interessava.

Ele me conduziu até a porta dos fundos e, em um dia cheio de surpresas, tive outra ao reconhecer a velha curandeira de nosso vilarejo parada ali perto. Se não precisasse me concentrar tanto em botar um pé na frente do outro, teria perguntado a ela o que estava fazendo ali, mas tudo o que consegui foi me manter ereta e evitar cair de cara na terra.

Quando saí para a noite, soltei um suspiro de alívio. Estava bem escuro, e a escuridão sempre foi minha amiga. Uma carroça aguardava nas proximidades. Tocando-me o mínimo possível, o padre itinerante me ajudou a subir na traseira antes de dar a volta até o assento do cocheiro e se acomodar. Ele virou-se para trás e olhou para mim, depois desviou o rosto, como se tivesse sido queimado.

– Tem um cobertor aí atrás – ele murmurou enquanto conduzia o pangaré na direção da rua calçada com pedras. – Cubra-se.

A madeira sólida da carroça fazia uma pressão dolorosa contra meus ossos machucados, e o cobertor fino coçava e fedia a asno. Mesmo assim, desejei que eles tivessem outro para que pudesse deitar em cima.

– Aonde estão me levando?

– Para o barco.

Um barco significava água, e atravessar águas significava estar longe do alcance de meu pai, de Guillo e da Igreja.

– Aonde esse barco vai me levar? – perguntei, mas o padre não disse nada. Fui tomada pela exaustão. Não tinha forças para arrancar respostas dele, como se fossem raras bagas silvestres de um arbusto espinhento. Deitei na carroça e me entreguei ao ritmo sacolejante do cavalo.



Assim começou minha viagem através da Bretanha. Fui contrabandeada como carga proibida, escondida em meio a nabos e feno na traseira de carroças, despertada por vozes furtivas e mãos desajeitadas enquanto era passada de padre itinerante para curandeira, em uma corrente oculta de pessoas que viviam de acordo com os santos antigos e estavam determinadas a me manter longe da Igreja. Os padres itinerantes, com seus movimentos estranhos e túnicas emboloradas e rançosas, eram bem simpáticos, mas seus dedos não eram treinados em delicadezas nem em compaixão. Eu gostava mais das curandeiras. Suas mãos ásperas e rachadas eram tão gentis quanto lã de cordeiro, e o cheiro pungente de centenas de ervas diferentes se agarrava a elas como uma sombra perfumada. De vez em quando, elas me davam uma tintura de papoula para meus ferimentos, enquanto os padres me davam simplesmente sua simpatia, alguns até de má vontade.

Quando acordei na que calculava ser a quinta noite de minha jornada, senti o cheiro salgado do mar e me lembrei da promessa do barco. Sentei-me com dificuldade, satisfeita ao ver que meus ferimentos doíam menos e minhas costelas não queimavam. Estávamos passando por uma pequena aldeia de pescadores. Apertei o cobertor

ao meu redor para me proteger do frio e me perguntei o que aconteceria em seguida.

No limite do vilarejo havia uma igreja de pedra. O padre itinerante conduziu a carroça em sua direção, e fiquei aliviada ao ver na porta a âncora sagrada de Saint Mer, uma das santas antigas. O padre puxou as rédeas, e o cavalo parou.

– Saia.

Não soube se era cansaço ou desprezo o que ouvi em sua voz, mas, de qualquer modo, minha jornada estava quase no fim, por isso o ignorei e saí da carroça, sem esquecer o cobertor, agarrado firme ao meu redor, para não ofender seu recato.

Depois de prender o cavalo, ele me conduziu na direção da praia, onde um barco solitário aguardava. O vasto oceano negro como tinta se estendia tão distante quanto podiam ver meus olhos, fazendo o barco parecer muito pequeno.

Havia um velho marinheiro sentado na proa com as costas curvadas. De seu pescoço pendia uma concha esbranquiçada como osso, identificando-o como um fiel de Saint Mer. Eu me perguntei o que ele achava de ser despertado no meio da noite para levar dois estranhos para o meio do mar escuro.

Os olhos azul-claros do marinheiro me examinaram. Ele balançou a cabeça.

– Subam. Não temos a noite inteira. – Ele me estendeu um remo, que agarrei para me equilibrar quando entrei no barco.

O barquinho embicou e balançou por um instante, e fiquei com medo de que fosse me jogar na água gelada. Já apumado, o padre embarcou, fazendo o casco afundar ainda mais.

O velho marinheiro soltou um resmungo, depois encaixou o remo em sua posição e começou a remar.

Chegamos à pequena ilha quando o amanhecer começava a tingir de rosa o horizonte, a leste. Ela parecia estéril sob aquelas primeiras luzes mortíferas. Ao nos aproximarmos, vi um menir erguido ao lado de uma igreja, e percebi que tínhamos chegado a um antigo lugar de culto.

O cascalho fez barulho sob o barco quando o velho marinheiro o imbicou na praia. Ele apontou com a cabeça a fortaleza de pedra.

– Saíam. A abadessa de Saint Mortain está esperando vocês.

Saint Mortain? O santo padroeiro da morte. Fui tomada por um tremor de desconforto. Olhei para o padre, que desviou o rosto, como se olhar para mim fosse uma tentação mortal grande demais.

Agarrada ao cobertor, saí desajeitadamente do barco e pisei nas águas rasas. Dividida entre gratidão e desconfiança, fiz uma leve reverência, com cuidado para deixar o cobertor deslizar do ombro por um breve segundo.

Foi o suficiente. Satisfeita com a expressão de susto do padre e com o estalar de língua do velho marinheiro, virei-me e chapinhei pela água fria na direção da praia. Na verdade, nunca tinha mostrado sequer um tornozelo antes, mas estava irritada por ser tratada como uma sedutora quando só me sentia ferida e alquebrada.

Quando cheguei à faixa de grama que crescia entre as rochas, olhei para trás na direção do barco, mas ele já estava no mar. Virei e tomei o caminho do convento, ansiosa para ver o que aqueles que veneravam a Morte queriam de mim.

Capítulo Dois

DOIS ANTIGOS MENIRES MARCAVAM a entrada do convento. As galinhas no pátio estavam começando a se agitar, e naquele instante ciscavam a terra em busca de seu café da manhã. À minha aproximação, cacarejaram e bateram as asas para longe.

Parei na porta. Queria encontrar um canto e dormir até clarear a cabeça, mas o marinheiro disse que a abadessa estava me esperando e, apesar de não saber muito sobre abadessas, desconfiei que elas não gostavam de esperar.

Meu coração acelerou enlouquecido quando ergui a mão e bati. A porta pesada se abriu imediatamente e revelou uma mulher baixa e inexpressiva coberta de negro dos pés à cabeça. Sem uma dizer uma palavra, ela gesticulou para que eu entrasse.

Eu a segui através de um salão com poucos móveis, depois por um corredor igualmente austero que levava ao coração do convento. Minha guia bateu uma vez em uma porta fechada.

– Entre – ordenou uma voz.

Minha guia abriu a porta e me conduziu para dentro. A mobília era simples, mas sólida, e as primeiras luzes da manhã entravam pela janela que dava para o leste. Meus olhos foram imediatamente atraídos para a mulher sentada à mesa grande no centro do aposento. Ela usava um hábito e uma touca pretos, e seu rosto pálido era de uma beleza impressionante.

Sem levantar os olhos, ela me apontou uma das cadeiras. Meus passos ecoaram suavemente em todo aquele espaço quando me aproximei de sua mesa. Apertei o cobertor ao meu redor, depois sentei.

A abadessa ergueu a cabeça do trabalho, e me vi encarando um par de olhos tão frios e azuis quanto o mar.

– Ismae Rienne.

Levei um susto, surpresa por ela saber meu nome.

– Sabe por que está aqui, filha?

Não sabia que resposta ela procurava, mas fui tomada por um desejo súbito de obter sua aprovação.

– Porque desagradei meu novo marido?

– Desagradou? – A abadessa deu um leve riso de escárnio, o que me fez gostar ainda mais dela. – Pelo que eu soube, ele praticamente molhou as ceroulas de medo de você.

Senti uma vergonha familiar subir pelo rosto e baixei os olhos para o colo.

– A culpa não está em você, filha. – Ela disse isso com tamanha gentileza que tive vontade de chorar. Jamais derramara uma lágrima, nem durante todas as surras de meu pai nem com a brutalidade de Guillo, mas algumas palavras daquela mulher quase me fizeram chorar como um bebê.

– Então, conte-me – disse ela, puxando para perto pena e tinteiro. – Você conhece as circunstâncias de seu nascimento?

Arrisquei olhar para seu rosto, mas ela estava concentrada no que escrevia em um pergaminho.

– Só sei que minha mãe não queria minha gravidez. Ela foi a uma curandeira em busca de veneno, na esperança de me expulsar do seu útero.

– E, mesmo assim, você sobreviveu. – Ela ergueu os olhos. As palavras foram ditas em voz baixa, mas tiveram o poder de um grito na imobilidade do aposento.

Encontrei o olhar firme da abadessa.

– E, mesmo assim, eu sobrevivi.

– Você tem alguma ideia do que isso significa?

– Quer dizer, além de ter que passar a vida nas sombras, me esquivando de pancadas e me mantendo fora de vista para não provocar um medo exagerado nos outros?

– Sim, além disso. – A voz dela era seca como osso. Ela se debruçou, os olhos iluminados com algum propósito. – Eles não afirmaram, Ismae, que você foi concebida pela própria Morte?

Fiz que sim, desconfiada.

– Muito bem, então. Depois de muitas provações, agora você está aqui.

– Provações? – perguntei. – É isso que foi minha vida? Uma série de provações pelas quais eu tinha de passar?

– Você vem até nós bem temperada, minha filha, e não é de minha natureza sentir piedade por isso. A lâmina bem temperada é a mais forte.

– E quem exatamente somos *nós*? – Meu corpo inteiro ficou imóvel, à espera de sua resposta.

– Você encontrou refúgio no convento de St. Mortain. Mortain, na verdade, é mais velho que qualquer santo, mais velho até que Cristo.

– Um dos deuses antigos que hoje chamamos de santos – murmurei.

– Isso, um dos deuses antigos. Um do qual a Igreja não conseguiu se livrar. Por isso, nós O chamamos de santo. Mas, se estivermos a Seu serviço, Ele não se importa com qual nome Lhe damos.

– Como se serve à Morte? Devo passar a vida recolhendo corpos numa carroça de cadáveres?

A madre superiora não piscou.

– Nós realizamos o desejo de Mortain quando Ele quer alterar a trama do tecido da vida por algum propósito.

Olhei para ela confusa, sem entender o que tecelagem tinha a ver com Mortain. Ela deu um suspiro e se afastou da mesa.

– Talvez seja hora de um refresco.

Quis implorar a ela que me contasse mais sobre o que significava ser filha da Morte, mas desconfiei de que aquela mulher não tinha muita paciência com gente ignorante, por isso segurei a língua.

Ela pegou uma jarra de vinho e duas taças de cristal de um armário atrás da mesa. Serviu o vinho nas taças e me entregou uma. O cristal lapidado era mais delicado que qualquer coisa que eu já vira antes, e o segurei com cuidado, temendo que se estilhaçasse em minhas mãos.

– Aqui no convento, é nosso trabalho treinar aquelas geradas pelo Deus da Morte. Nós as ensinamos a desempenhar seus deveres com rapidez e eficiência. Normalmente, vemos que Ele deu a Suas filhas alguma habilidade ou arte especial. Habilidades que vão ajudar vocês a realizar Sua obra.

Sua obra. As palavras estavam cheias de possibilidades. Tomei um gole de vinho para me recompor. Era doce e fresco em minha língua.

– Posso adivinhar algumas coisas sobre você? – perguntou a madre superiora. Assenti, e ela prosseguiu. – Você nunca sofre de malária, nem de resfriados, nem do fluxo. Toda praga a deixa intocada, não é verdade?

Senti meus olhos se arregalarem com seu conhecimento preciso.

– Como a senhora sabe disso?

Ela sorriu.

– E sei que você pode sobreviver a surras violentas e se curar em dias. Você também tem sonhos prevendo a morte?

– Não. – Sacudi a cabeça, lamentando decepcioná-la. – Mas às vezes posso dizer quando as pessoas vão morrer.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

– Continue.

Olhei para baixo e examinei o vinho na taça.

– Às vezes posso vê-las desaparecendo. Como uma chama se apagando. E, certa vez, vi uma marca. No ferreiro. Ele tinha uma leve mancha negra na testa, em forma de ferradura. Três dias depois, ele morreu.

Ela se debruçou em sua cadeira, agora interessada.

– Como ele morreu?

– Levou um coice de um cavalo, na cabeça, enquanto trabalhava.

– Ah. – Um sorriso satisfeito surgiu nos cantos de sua boca. – Mortain lhe deu dons poderosos. – Ela apanhou a pena e fez uma anotação no pergaminho à sua frente. Gotículas de transpiração começaram a surgir em minha testa, e tomei outro gole de vinho para me recompor. Era difícil revelar segredos antigos.

– Então – disse ela, tornando a olhar para mim. – Você está bem equipada para nosso serviço.

– Que é?

– Nós matamos pessoas. – As palavras da madre superiora caíram como rochas no silêncio do aposento, tão chocantes que meu corpo ficou dormente. Ouvi o estilhaçar do cristal quando minha taça atingiu o chão.

A abadessa ignorou o cristal.

– Claro, muitos morrem sem nossa ajuda. Entretanto, há aqueles que merecem morrer, mas ainda não encontraram os meios de fazê-lo. Por ordens de Mortain, nós os ajudamos em sua jornada.

– Eles precisam mesmo de nossa ajuda?

Uma expressão de raiva surgiu no rosto da abadessa pela primeira vez. Reconheci a vontade de ferro que antes havia sentido apenas vagamente.

– Quem é você para dizer do que o Deus da Morte precisa ou não precisa? Mortain é um deus antigo e não tem nenhum desejo de ser esquecido e desaparecer deste mundo. Por esse motivo Ele interfere nos assuntos dos homens. – Ela me encarou por mais um segundo, então a tensão a deixou, como uma onda voltando para o mar. – O que você sabe sobre os deuses antigos? – perguntou.

– Só que eles eram os nove deuses da Bretanha, mas agora os chamamos de santos. E que devemos fazer uma oferenda ou oração para eles de vez em quando se não quisermos ofendê-los ou ser vítimas de sua ira.

– Você está perto – disse a abadessa, recostando-se na cadeira. – Mas isso não é tudo. Os deuses antigos não são homens nem deuses, mas algo no meio. Eles eram os primeiros habitantes de nossa terra, enviados para fazer a vontade de Deus neste mundo novo que Ele havia criado...

“No início, a relação entre os deuses e os homens era diferente. Os deuses nos tratavam de forma parecida com a que tratamos o gado ou carneiros. Mas logo aprendemos a honrá-los com orações e oferendas, que nos levou à harmonia. Até a Igreja, em seus primórdios, não se opunha a que honrássemos os deuses antigos, apesar de termos aprendido, então, a chamá-los de santos. Mas ultimamente isso tem mudado. Assim como a França engoliu a maioria dos reinos e ducados menores para obter para si todo o poder deles, este último papa deseja extinguir qualquer resquício das tradições antigas, querendo todas as orações e oferendas para sua própria Igreja.

“Por isso, cada vez mais pessoas estão abandonando as práticas e tradições antigas em honra aos deuses da Bretanha. Mas nem todas. Algumas ainda levantam a voz em oração e fazem suas oferendas. Não fossem a devoção e as súplicas, os deuses antigos desapareceriam deste mundo. Sem dúvida você entende por que Mortain não gostaria disso. Ele se alimenta de nossa crença e devoção, assim como nós nos alimentamos de pão e carne e passaríamos fome sem eles.

“Por isso, é nosso trabalho acreditar e servir. Se decidir ficar aqui e fazer os votos, você vai jurar servir a Mortain de qualquer maneira que Ele pedir. Em todas as coisas. De todos os modos. Nós realizamos o Seu desejo. Você entende?”

– Isso não é assassinato?

– Não. Você não pode esperar que uma rainha lave as próprias roupas ou amarre o próprio vestido. Ela tem suas damas de companhia para isso. E é a mesma coisa conosco: nós servimos como damas de companhia de Mortain. Quando guiadas por Sua vontade, matar é um sacramento.

Então ela se debruçou, como se estivesse ansiosa para me tentar com o que Mortain oferecia.

– Se decidir ficar, você será treinada em Suas artes. Vai aprender mais maneiras de matar um homem do que imaginou ser possível. Vamos treiná-la a ser furtiva e astuta e desenvolver todo tipo de habilidade que assegure que nenhum homem jamais volte a ser uma ameaça para você.

Pensei em meu pai e em Guillo. Pensei em todos na aldeia que se esforçavam tanto para tornar minha vida infeliz. Os meninos que me atiravam pedras. Os velhos que cuspiam e me encaravam com terror nos olhos, como se esperassem que eu roubasse a alma de seus corpos velhos e enrugados. Os homens mais novos que apalpavam minhas saias em cantos escuros, supondo corretamente que meu pai não se importava com minha segurança ou reputação. Não seria nenhum sofrimento matar pessoas como eles. Senti-me como um gato que tinha sido jogado de uma grande altura só para cair de pé.

Como se captasse meus pensamentos, a abadessa tornou a falar:

– Sabe, não serão todos como eles.

Ergui os olhos, surpresa, e ela continuou:

– Os que Mortain vai lhe mandar matar. Eles não serão todos como o criador de porcos.

Meus ouvidos estavam surdos a seus alertas. Tinha certeza de que todos os homens eram assim, e eu mataria todos, satisfeita.

Mas ela insistiu, para se assegurar de que eu tinha entendido totalmente:

– Ele vai exigir sacrifícios, mas não é seu papel questionar. Apenas servir com amor e obediência. – Uma leve emoção passou rapidamente por seu rosto, a lembrança de alguma dor sobre a qual eu podia apenas especular. – Essa é a natureza de nosso serviço – disse ela. – Fé inquestionável. Você é capaz disso?

– E se eu disser que não?

– Aí você será levada para longe daqui e será entregue a um homem bom e gentil que precise de uma esposa.

Avaliei a opção, que não era nenhuma opção. Ser removida do mundo dos homens e treinada para matá-los, ou ser entregue a um deles como uma ovelha.

– Se a senhora acha que estou apta a servir, madre superiora, farei isso de boa vontade.

Ela sorriu e se recostou em sua cadeira.

– Ah, você está apta a servir. Já passou pelo primeiro teste.

Alguma coisa em seu sorriso fez que eu me sentisse desconfortável.

– Passei?

A abadessa inclinou a cabeça na direção da taça estilhaçada no chão.

– Seu vinho continha veneno. Um gole teria matado um homem duas vezes maior que você. Você experimentou um leve desconforto, mais nada.

Fiquei em silêncio, chocada com a facilidade com que ela confessou ter me envenenado, e me lembrei da sensação quente e atordoante que sentira antes.

– Agora, venha. – A abadessa levantou, foi até a porta e a abriu. – Annith vai prepará-la. Bem-vinda ao convento.